

Introdução ao dossiê

Letramentos no ensino superior: por uma universidade mais inclusiva

Mercedes Sebold

Johana Pardo

Frases como “assistimos a uma crise generalizada na escrita e na leitura” circulam amplamente nos discursos midiáticos e no senso comum. De fato, é frequente encontrar notícias que alertam, em tom quase catastrófico, como no ensino superior, acontece uma queda na qualidade da formação dos estudantes, atribuída às deficiências nas competências de leitura e escrita dos universitários. Esses discursos, com frequência, relacionam o “déficit” ao processo de democratização e expansão do acesso das universidades, como se esta abertura estivesse, gradualmente, comprometendo a qualidade da formação acadêmica. Um exemplo desse tipo de narrativa pode ser encontrado na matéria publicada pelo jornal Estado de Minas, cuja manchete afirma:

“Educação: 38% dos universitários são analfabetos funcionais. A falta de compreensão do que lhe é pedido torna-se um problema que impacta as várias camadas da sociedade, da escola ao mercado... Ou seja, a expansão do ensino superior (com oferta de programas de incentivo e maior democratização do acesso às universidades) não tem refletido um ensino de qualidade.”¹

Nestes discursos, longe de problematizar e refletir sobre as desigualdades estruturais e históricas da educação no país, aponta-se como único responsável os próprios estudantes, que são retratados sob adjetivos como despreparados, desinteressados, analfabetos funcionais, incapazes de fazer interpretação de texto. Esse tipo de discurso se sustenta em concepções tradicionais sobre as práticas de letramento, que as entendem como competências isoladas, neutras e descontextualizadas. Desconsidera, assim, os estudos sobre escrita acadêmica que a reconhecem como um

¹SOUZA, Marcus Vinícius de. Educação: 38% dos universitários são analfabetos funcionais. Estado de Minas, Belo Horizonte, 31 mar. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/opiniao/2022/03/31/interna_opiniao,1356716/educacao-38-dos-universitarios-sao-analfabetos-funcionais.shtml. Acesso em: 12 jun. 2025.

processo de aprendizagem contínuo, atravessado por diferentes etapas e demandas disciplinares. Trata-se de uma visão que ignora que as práticas de leitura e escrita fazem parte dos conteúdos do ensino superior que, como espaço formativo, apresenta gêneros específicos do mundo acadêmico e demandas novas e complexas para todos os estudantes, independentemente de sua trajetória. (Macedo et al., 2021)

Este dossiê nasce da preocupação por discutir e problematizar novas formas de compreender estas práticas, na disciplina “Letramentos acadêmicos: um olhar crítico para as práticas de escrita, leitura e oralidade na universidade” no programa de pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ. Neste curso, observamos como a cristalização das premissas como as apontadas pela nota de jornal não apenas invisibilizam as condições sociais e históricas de acesso à cultura letrada, como também contribuem para a manutenção de uma universidade excludente, já não só pelo acesso, mas sim pelas práticas e discursos ao interior dos centros. Neste sentido, compreendemos os letramentos já não como técnicas a serem dominadas, mas sim como práticas sociais, culturalmente situadas e atravessadas por relações de poder. Em síntese, a proposta visa observar as múltiplas formas de uso da linguagem escrita e oral com as quais os alunos convivem no seu cotidiano, e propor o ensino dos letramentos como uma prática sensível à pluralidade de repertórios culturais e linguísticos presentes na sala de aula (BAPTISTA, 2010, 2016; ROJO, 2012; ROJO & BARBOSA, 2015).

Ao longo deste dossiê, os(as) diferentes autores(as) desenvolvem reflexões sobre múltiplas dimensões dos letramentos no ensino superior, abordando temas como os desafios enfrentados por estudantes e docentes; discussões sobre identidade e interseccionalidade, especialmente no que se refere às relações de raça e classe; reflexões sobre o impacto da inteligência artificial nas novas práticas de escrita e nos modos contemporâneos de produção textual; além de discussões sobre acessibilidade, com foco no uso da audiodescrição e da tradução audiovisual como possíveis ferramentas para a práticas de ensino mais inclusivas, sensíveis às diversidades linguísticas, culturais e sensoriais presentes na universidade.

A seguir, apresentamos os artigos que compõem este dossiê, destacando suas contribuições para o debate sobre os letramentos no ensino superior, o primeiro artigo é a contribuição de Rayane Freire Rodrigues que analisa como o letramento racial atua como ferramenta de resistência e fortalecimento da identidade cultural na Favela da Maré, articulando educação crítica, comunicação comunitária e práticas culturais. A autora mobiliza os aportes da raciolinguística para demonstrar como os moradores da Maré, em sua maioria negros e periféricos, enfrentam cotidianamente os efeitos do racismo. A partir da análise do contexto histórico e social da Maré e das iniciativas locais, o estudo evidencia que o letramento racial promove a conscientização crítica sobre as desigualdades raciais e amplia a agência política dos sujeitos.

Nesta mesma linha de reflexão sobre pensar a relação entre os sujeitos que habitam a periferia e os letramentos universitários, o Artigo de Adriana dos Santos da Silva propõe uma reflexão autoetnográfica sobre as tensões entre as práticas de letramento herdadas no ambiente familiar e as normas acadêmicas impostas pela universidade. A partir de memórias pessoais e análises críticas, a autora discute como o modelo hegemônico de letramento acadêmico opera como um instrumento de exclusão, produzindo apagamento cultural e marginalizando saberes e práticas linguísticas de estudantes de origem popular.

Por sua vez, o trabalho de Marcelo Henrique Silva dos Santos amplia essa discussão ao focalizar as tensões que os estudantes do curso de Letras vivenciam no enfrentamento às exigências do letramento acadêmico, especialmente no que se refere às dificuldades com os gêneros discursivos universitários. Seu artigo questiona o discurso do déficit, frequentemente reproduzido nas práticas pedagógicas, e defende a necessidade de reconhecer os saberes, repertórios e trajetórias dos estudantes como parte legítima do processo formativo, deslocando a lógica que vê esses alunos a partir da falta e não do potencial.

Os textos de Flávia Ferreira dos Santos e de Alice Marques Nicolao aprofundam, a partir de diferentes perspectivas, uma reflexão urgente sobre o impacto da Inteligência Artificial (IA) no desenvolvimento do letramento acadêmico e nos

processos de produção textual no ensino superior. O artigo de Flávia investiga como os estudantes universitários têm utilizado ferramentas de IA generativa, como ChatGPT, no desenvolvimento de suas práticas de leitura e escrita acadêmica. A partir de uma pesquisa de caráter exploratório, a autora discute como os alunos percebem tanto as potencialidades quanto os desafios éticos e pedagógicos associados ao uso dessas tecnologias. Os dados revelam que, embora a IA seja vista como apoio para organizar ideias, revisar e buscar informações, ela também gera preocupações sobre dependência tecnológica, qualidade das respostas e desenvolvimento de um uso crítico e ético. O estudo ressalta a importância do papel docente na mediação desse processo e no desenvolvimento de competências críticas frente ao uso da IA no contexto acadêmico.

Com relação ao texto de Alice Marques Nicolao amplia esse debate ao analisar não apenas o impacto da IA no letramento acadêmico, mas também seus efeitos na circulação de políticas linguísticas e ideologias normativas, especialmente no campo da língua espanhola. A autora examina como a IA, ao ser utilizada na escrita acadêmica, atua como um agente glotopolítico, reproduzindo ou tensionando normas linguísticas, julgando variações regionais (como por exemplo, os fenômenos linguísticos *laísmo*, *leísmo* e *loísmo*) e influenciando o que se entende por “escrever bem”. A reflexão propõe uma análise crítica das implicações éticas, linguísticas e pedagógicas do uso da IA, ressaltando que essas tecnologias não são neutras, pois operam dentro de regimes de regulação da linguagem criado por humanos que impactam diretamente a produção de conhecimento e as práticas acadêmicas.

Por fim, dois trabalhos deste dossiê analisam como ferramentas didáticas específicas podem ser mobilizadas no ensino de letramentos em língua adicional, com foco tanto na formação docente quanto na construção de práticas pedagógicas inclusivas. O artigo de Maria Rosilene apresenta a análise de uma entrevista realizada com um estudante do segundo período do curso de Letras, utilizando a análise narrativa como metodologia central. A partir dos aportes dos estudos de letramento, a autora investiga como as construções sociais e identitárias atravessam a trajetória acadêmica do discente, refletindo sobre os desafios e as potências da formação docente no ensino superior. O trabalho também discute como o uso de metodologias inclusivas,

especialmente a audiodescrição, pode atuar como uma das ferramentas no processo de desenvolvimento do letramento em língua adicional, contribuindo para práticas mais sensíveis à diversidade dos estudantes.

Já o artigo de Sabrina Moraes Antônio explora como a tradução audiovisual (TAV), por meio da dublagem e da legendagem, pode ser utilizada como uma ferramenta didática para o desenvolvimento dos letramentos em espanhol no contexto das escolas públicas. A partir da análise de duas cenas do filme *Encanto* (2021), nas versões dublada em espanhol colombiano, dublada em português do Brasil e legendada em espanhol, o trabalho discute como as práticas de letramento podem ser enriquecidas pelo contato com diferentes variedades linguísticas e recursos multimodais. A pesquisa evidencia que a dublagem, por meio de elementos como voz, ritmo e taxa de elocução, favorece uma maior interação com a oralidade, enquanto a legendagem também se apresenta como recurso complementar para o desenvolvimento da competência leitora e da consciência linguística.

Esperamos que a leitura dos textos que compõem este dossiê se constitua como um convite à reflexão, abrindo horizontes para novas perspectivas, inquietações e perguntas que nos ajudem a trilhar os caminhos dos letramentos na universidade. Que essas reflexões possam fortalecer práticas comprometidas com uma formação docente crítica, inclusiva e sensível às diversidades linguísticas, culturais e sociais que atravessam os sujeitos e os espaços de ensino.

Bibliografia

BAPTISTA, L.M.T.R. (Org.). Autores e produtores de textos na contemporaneidade: multiletramentos, letramento crítico e ensino de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores. 2016.

BAPTISTA, L.M.T.R. Traçando caminhos: letramento, letramento crítico e ensino de espanhol. In: BARROS, C. S.; MARINS COSTA, E. G. (Coord.). Espanhol: ensino

médio (Coleção Explorando o Ensino; v.16) . Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2010. p. 119-136.

MACEDO, C. et al. Estudios de la escritura na educação superior: a multilingual presentation. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 37, 2021

ROJO R. H. R. Protótipos didáticos para os multiletramentos. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Ed.). Multiletramento na escola São Paulo: Parábola Editorial, 2012. ROJO, R. H. R.; J. P. BARBOSA. Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade. In: ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. (Ed.) Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2015. p. 119-136.